

CONFERÊNCIA

EDGARDO FEINSILBER
abril 2007

Dimensões do pai

Quiero agradecer a los miembros de la Comisión Directiva de Maiéutica por esa invitación que me resulta muy grata por los años de trabajo compartidos y por nuestros proyectos en común, sosteniendo un Movimiento de Convergencia en psicoanálisis. También a mis amigos Inezinha, Tania y Tuto con los que comparto ideológicamente y en acto tantas iniciativas. Tam bién quiero decirles que intento poner en acto mi posición, la que parte de las enseñanzas tomadas de mis maestros, Freud y Lacan, ordenadas por quien es el sostén de mi transferencia de trabajo, Roberto Harari, con quien me une una historia y una amistad que ha sobrepasado las cuatro décadas siendo trabajado por su transmisión del psicoanálisis. Así que pienso que todo lo que diré ha pasado por su enseñanza, tratando de hacerme un lugar a partir del deslizamiento por sus agujeros. Espero que las palabras que pronuncie sean enriquecedoras tanto para ustedes como para mí, por lo que me vuelva desde sus preguntas y comentarios.

Para introducir la cuestión del padre en sus diversas dimensiones lo haremos por la vía del superego desde la conceptualización que nos legara Freud, para quien el superego do sujeito era a interiorização do superego dos pais, não somente o pai, mas sim que implicaba a função paterna e a função materna – mãe e pai. Como muito bem falou Roberto Harari em sua conferência ontem, o pai é um numeral, algo que é simbólico, que desliza, podendo ser ocupado por outras pessoas. Se tomamos as idéias iniciais de Lacan, fixemo-nos em como podemos continuar com a idéia que foi trazida ontem, pensando en nuestra clínica el caso dos Irmãos Karamazov como un apólogo. Por exemplo, no Seminário 4, Lacan dizia que toda a preocupação freudiana resumia-se nisto: ¿o que é ser um pai? Podemos dizer que neste momento de comentador de Freud, Lacan mantinha esa pergunta¹, tal como lo hizo hasta el final de su obra. Por ejemplo en las Conferencias dadas en EEUU en 1975 donde generaliza la respuesta sosteniendo que tomar el Mito de Edipo desde sus puntas de Real imaginarizado fue el camino de Freud para resguardar la función del padre. Es decir que lo Real pueda también ser mítico es el camino posible para avanzar en cada análisis, como luego desarrollaré.

También en el Seminario 17, *O avesso da psicanálise*, encontramos uma idéia que vem calibrar sua distância de Freud, con un retorno a ciertos fundamentos después de haberse revelado ya não solamente como comentador, cuando a partir da invenção do objeto *a*, começaba a marcar um caminho distinto, próprio. Ele diz ali que a morte do pai é tudo aquilo de que se ocupa a psicanálise.²

O mito freudiano de *Totem e Tabu* vem demonstrar a equivalência entre o gozo e o pai morto. Freud para avançar com a psicanálise em *Totem e Tabu* coloca essa equivalência: ¿o pai morto será o gozo?³ ¿Que significa isso? É algo incompreensível, um paradoxo. É, portanto o signo do impossível. Com vêem, há uma maneira de pensar

¹ LACAN, J. *Seminário 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

² LACAN, J. *Seminário 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992, p. 112.

³ FREUD, S. *Totem e tabu*. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIII.

o pai desde o simbólico para o real, porque no real está o impossível. Então, que o pai morto seja o gozo é o signo do impossível.

Para entender algumas dessas questões vamos recordar – porque a psicanálise não é um dogma, assim que podemos voltar e pensar as questões primárias de outra forma. Sabemos que a função do pai é transmitir a castração a seu filho. Lacan dizia que tem que deixar cair o lugar de ser o falo para que o filho possa tê-lo. Recordemos que em Freud havia três tempos da articulação do sujeito com a castração, em relação ao falo. No primeiro tempo, ensinava Lacan em esse Seminário 4, a criança deseja ser objeto de desejo da mãe, portanto trata-se de ser o falo. Depois, quando há uma hiancia em essa célula primitiva do narcisismo-mãe-fálica, trata-se de ter o falo, mas de tê-lo para ser. E, depois, no terceiro tempo se trata de ter sem ser.

Este último tempo, de ter sem ser, é o que Freud havia tratado como castração. Na medida em que todo sujeito se constitui em relação ao falo, a diferença sexual anatômica se significa de maneira distinta, segundo seja com ou sem esse “pedacinho de pau”. Salientamos que o pênis não é o falo. O falo é a relação do “cabo de rabo”, usando a expressão de Lacan, como uma possibilidade de gozo⁴. Ya había trabajado la diferencia entre falo y pene en el Seminario 18 *De un discurso que no sería del semblante* desde esta perspectiva: el falo es un instrumento, en cambio el pene es efecto del deseo y la ley. El falo así es el ‘hueso’ que le falta al pene, aquello que encarna el objeto *a* en el cuerpo. Então, Lacan dizia que há alguns, que são os homens, que não são sem tê-lo – o homem não é sem tê-lo, e alguns, que são as mulheres, que são sem tê-lo – a mulher é sem tê-lo – e isso tem conseqüências. Así, a respeito da castração temos que diferenciar angústia de castração, fantasma de castração e a castração propriamente dita.

Que é angústia de castração? Acerca de isto Lacan consideró no Seminário 10 que é quando há um objeto sem o que faz falta, em sua dimensão de *menos phi* ($-\phi$) uma imaginização do Falo simbólico, já que o Falo com maiúscula (Φ), é impossível de fazer negativo. Então, angústia é quando não há falta, quando falta a falta, quando há um objeto que tapa toda a falta – isto é o que provoca angústia. En este Seminario *La angustia* uno de sus principios es: “*a* no sin ($-\phi$)”, *pues de eso se trata de posicionar en el análisis*, que no haya el objeto *a* taponando toda la falta que introduce el ($-\phi$).

Sobre o Fantasma, recordem o fantasma principal em Freud: “Bate-se numa criança” ou “Uma criança é sendo batida”⁵; el fantasma trata de um outro gozador, um outro que goza al sujeto, que provoca la passividade sexual do sujeito al tratarlo como objeto -del goce del Otro-. Falei noutra ocasião ante algunos de ustedes sobre o pensamento de Freud a respeito do fim de análise como resto da relação ao pai. O medo, o desafio, ou a incredulidade do filho em relação à palavra do pai é, para Freud, a rocha viva da castração. E a respeito de uma mulher, até onde ela possa suportar que outra tenha o que ela não tem, é também o resultado de sua relação ao pai. Quer dizer que, a respeito de um homem, trata-se de desautorização da feminilidade, isso que Freud escreveu em *Análise Terminável e interminável*⁶ como protesto masculino. Não significa que Freud tenha se tornado gagá retomando um pensamento de Adler, porque no la postura de Adler o protesto masculino é geral. Em Freud o protesto masculino é outra coisa, é desautorização da feminilidade. E para a mulher, o que resta de sua relação ao pai é um querer alcançar.

⁴ LACAN, J. *Seminário 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007, p. 16.

⁵ FREUD, S. ‘*Uma criança é espancada*’. *Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVII.

⁶ FREUD, S. *Análise terminável e interminável*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXIII.

Por último, mas não por isso menos importante, a castração propriamente dita. O que é a castração? Poderíamos dizer a castração imaginária, a castração real – que não é a emasculação –, e a castração simbólica. A castração propriamente dita é a castração simbólica. E o que é isso, castração simbólica? Nós afirmamos que em Freud o pai é o pai morto e que isso é o que possibilita, em princípio, haja gozo; depois Lacan vai falar de multiplicação de gozos, como Harari tem nos ensinado há tantos anos e que tratei de escrever em meu livro sobre os cinco gozos: gozo fálico, plus de gozar, gozo do Outro, gozo-sentido e gozo do *sinthome*⁷. A castração propriamente dita, se é que o pai é o pai morto, significa que se está morto, o pai não sabe nada da verdade. Esta é a castração propriamente dita. Isto é o que vai permitir a Lacan sustentar que se o grande Outro existe, existe pela demanda do sujeito. Mas o grande Outro in-existe; não existe mais que em uma dimensão que Lacan chamou o Real.

Então com estas questões, vamos falar do desdobramento das ditmensões do pai. Em princípio três:

1. Função Pai (função paterna)

2. Nome-do-Pai

3. Metáfora Paterna.

Para introduzir-nos nesta diferença, vamos recordar uma das intervenções de Lacan nos Estados Unidos em 1975, quando ele estava ditando o *Seminário 23, O Sinthome*. Entre a primeira e a segunda classe desse Seminário, foi aos Estados Unidos e proferiu uma série de conferências aos que não eram seus alunos. Em vista disso tinha que explicar tudo de psicanálise à maneira que Freud explicava psicanálise em suas Conferências Introdutórias. Alí, então, disse algumas coisas que para mim são cruciais. Dizia: “O pai é uma função que se refere ao Real e o real do pai é fundamental na análise. O modo de existência do pai tende ao Real” – seguindo com esta idéia de que o pai é o pai morto, pai impossível, pai do Real. E a seguir vem outra coisa muito importante: “O real pode ser mítico, tão importante como todo dizer verdadeiro”, o que é um paradoxo. Nesta direção está o Real. É muito inquietante que haja um Real que seja mítico e isto é o que fez com que Freud mantivesse em sua doutrina a função do pai. Freud manteve a função do pai porque era necessário um Real mítico. Isto quer dizer que a psicanálise diferencia-se da religião; se o Real é causa e como causa é colocado no lugar da origem, uma coisa é acreditar com certeza que a origem seja uma certeza, e outra coisa é pensar que essa origem seja mítica. Esta idéia é decisiva na análise, é a única maneira que temos de enfrentar a perversão paterna. Ou seja, fazer do Real do pai um Real mítico é a possibilidade de ler de outra forma essa certeza que trazem os neuróticos a respeito de sua origem.

Mais adiante vou falar de um caso clínico para ilustrar esta questão.

A entrada em análise consiste então em organizar o imaginário em mito, que consiste em fazer a entrada no Édipo. Assim, transformar o imaginário em mito para a constituição do sujeito, em função de fazer do Real do pai um Real mítico, isto é o que possibilita a entrada na análise, que se resolverá como fim de análise. Então esse mito, esse Real feito mito é o que vai nos possibilitar avançar nesta maneira de pensar as *ditmensões* do pai.

Podemos falar que no início da vida, para as crianças, os pais são idealizados, os pais são os Reis Magos. Depois, para diferenciar-se, o pai aparece como o pai carenciado (carente); vamos falar das carências do pai, mas ao final retorna algo dessa primitiva idealização, por algo que Harari sublinhou muito bem, que o lugar do pai para Lacan, esse pai que possibilita um fazer próprio é o lugar do “Antiguo Combatente” ;

⁷ FEINSILBER, E. *Goces y materialidad de lo inconsciente*. Buenos Aires, Catálogos, 1998.

cada um tem que se arranjar como pode para fazer das carências de seu pai, fazer com isso, o lugar do “Antiguo Combatente”. Então o que é a função paterna? Poderíamos falar de três questões com relação à função paterna.

A primeira, é que a Função Pai é a de unir e não de opor o desejo à lei. Desejo do Outro, do grande Outro ligado à lei, que ele não seja aquele que dita a lei, e sim que no lugar do grande Outro esteja o pai, que também está submetido à lei.

Também a Função Pai é ser o portador do falo. Esta primeira questão de unir o desejo à lei está no *Seminário 5: As formações do inconsciente*⁸, e o pai como portador do falo lo podemos encontrar no *Seminário 3: As psicoses*⁹. Mas também, já mais avançadas essas idéias, no *Seminário 21: Os Nomes do Pai*¹⁰: o pai é o que diz não, *père-versamente*. Quer dizer, jogando com o som, perseverantemente, o pai persevera, *pèresevero* porque diz não, persevera fazendo limite ao desejo da mãe. Depois vamos ver de que maneira o pai pode cumprir esta função perseverante. Persevera descompletando a essência fálica do desejo da mãe. Por isso, Inezinha ontem nos falava de porque os filhos amam o pai. Os filhos amam o pai porque o pai os priva da mulher, da mulher-mãe. Porque os priva de estar submetidos ao serviço sexual de sua mãe. Outro problema é pensar porque o odeiam, como colocava Jeanine com o trabalho dos Irmãos Karamazov.

Então, por um lado temos a Função Pai, e por outro o Nome-do-Pai, que é outra coisa. Tomemos isto que Lacan diz no *Seminário 11: a Metáfora Paterna é um medium*¹¹, não o *medium* da magia ou do candomblé, mas o médium que é um enlace entre a Função Paterna e o Nome-do-Pai. Vocês sabem que o primeiro término da Metáfora Paterna é *el del medio*, é o desejo da mãe sobre o significado ao sujeito – desejo ser objeto de seu desejo. Depois um significante qualquer, qualquer significante cumpre a função de Nome-do-Pai enquanto barra o desejo da mãe. Portanto, escreve Lacan, o Nome-do-Pai implica o tesouro dos significantes. Todos os significantes tem significação fálica, lo que se escribe “Nombre-del-Padre . (A)” .

(Falo)

Como vêm isto é bom, mas não é definitivo, pois ¿como saímos dessa questão?, ¿como saímos da repetição de que todos os significantes têm função fálica?

Lendo os seminários e as distintas indicações de Harari, encontrei um caminho, uma trilha do destino do Nome-do-Pai, que me possibilita hoje fazer algumas articulações: Harari diz que Lacan encontra, não prontamente, mas no *Seminário 22*, que o Nome-do-Pai como significante é por ejemplo uma palavra¹². A palavra forma parte de uma língua e a língua da linguagem, mas, como Lacan dizia que os registros da experiência são o Real, o Simbólico e o Imaginário e que não há metalinguagem, ou seja, não há nada por fora da linguagem, portanto o Nome-do-Pai como significante, é um dos registros da experiência. Assim, se há três registros da experiência e não há metalinguagem, o Real, o Simbólico e o Imaginário são os Nomes-do-Pai. Então si hay Nome-do-Pai, os Nomes-do-Pai son lo Real, lo Simbólico y lo Imaginário.

Mas a questão que começa a se apresentar para Lacan, e que já não a alcança com a questão da repetição, é a seguinte: ¿como é possível que alguém possa inventar algo que não existia, que não estava antes? Não pode ser só com a repetição, mas não é sem repetição, mas volto a dizer, não é somente repetição. Então ele pensa que é

⁸ LACAN, J. *Seminário 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

⁹ LACAN, J. *Seminário 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.358.

¹⁰ LACAN, J. *Seminário 21: Os Nomes do Pai*. *Clase del 19/3/74*. Inédito.

¹¹ LACAN, J. *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 260.

¹² LACAN, J. *Seminário 22: RSI. Clases del 11/2/75 y 11/3/75*. Inédito.

necessário fazer cair esses Nomes-do-Pai, para que possa existir outra coisa. Ele liga o objeto *a*, cujo destino é cadente, aos Nomes-do-Pai, para falar de *a*-Nomes-do-Pai. Essa é a forma de fazer cair esses nomes, Real, Simbólico e Imaginário para chegar a outra questão que creio não vou ter muito tempo para falar hoje, sobre a qual tenho trabalhado, que é a questão de como Lacan chama Adão (Adan) no começo do *Seminário 23: M'Adam*. ¿Porque M. Adam está en posición de Madam?¹³ Porque, como bom filho ele está sujeito, em sua existência mesma, determinado por seu amor eterno ao pai. Isto é o que Lacan também considera a herança que nos deixou Freud com Moisés. Se temos em Freud um pai do Édipo ligado ao desejo e à lei, depois temos o pai do gozo de Totem e Tabu, também temos um pai do Moisés, o pai da pergunta. Esse pai lega como herança o que se fala como não “moisizar” a psicanálise. Não moisizar a psicanálise significa não estar ligado absolutamente, e de uma única forma, a certas características do pai.

Isto que estávamos também discutindo no seminário de ayer que é *s'en passer* – prescindir, pode ser traduzido como prescindir, mas não prescindir como forcluir. Prescindir do Nome-do-Pai – *s'en passer* – para Lacan é passar por ele mas não ficar nele¹⁴. Porque se pode passar como se não tivesse passado – “entra por um ouvido e sai pelo outro”. Não se trata somente de um ouvir, senão que um escutar para poder prescindir.

Há algumas questões que só as enuncio, porque quero ter um tempo de interlocução com vocês, mas escrevi em meu livro, em meus dois livros, sobre estas questões, que penso ser necessário diferenciar, a respeito do pai, o que faz a *manque* – que é a falta, *manque* em francês, a falta do pai que é todo um caminho que Lacan percorre, que vai da falta-em-ser, *manque-a-être*, até *être-manque*, ser-da-falta.

Outra questão é a falha, la *faille*, que é uma falha da estrutura, quer dizer, a menos que pensemos que a estrutura é uma coisa fechada, consolidada, sem modificação, a estrutura tem também uma falha, tem um ponto de vazio, de buraco e aí teríamos que pensar também a falha na estruturação da função paterna. Lacan começa a falar nisso no *Seminário 11* – vocês recordarão, pois é por onde muitos começaram sua formação –, dizendo que segundo Kierkegaard, a herança do pai é seu pecado¹⁵ e é por isso que há psicanálise, porque há algo que nunca foi analisado do desejo de Freud. Harari falava nestas jornadas em sua conferência, nesta linha, do obsessivo em Freud que fazia impossível o seu desejo.

Outra coisa é a *faute*, a falha moral, as caídas do lugar do pai por traicionar a seu desejo. De ellas debemos diferenciar las *carences* del padre, sus carencias ligadas a sus impotencias, no solamente en el sentido de lo sexual genital. Por exemplo, em “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*”¹⁶, Lacan escrevia essas carências paternas como o pai bonachão, o pai todo poderoso, o pai humilhado, o pai infatuado, o pai embolado, agrandado, o pai irrisório, o pai caseiro, o pai que vai com prostitutas, que vai para a boite, que vai para a farra... Lacan falava também de observar as carências paternas nos históricos de Freud: um pai muito enamorado da mãe, um pai que escolheu a mulher por interesse econômico e não segundo seu desejo. No primeiro caso Joãozinho, no segundo caso Homem dos Ratos. E assim, essas falências no lugar do pai vão sendo apresentadas, até que no *Seminário 23*, quando Lacan estava já

¹³ LACAN, J. *Seminário 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007, p. 13.

¹⁴ LACAN, J. *Seminário 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007, p. 131-2.

¹⁵ LACAN, J. *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 38.

¹⁶ LACAN, J. “De uma questão preliminar de todo tratamento possível da psicose”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 585.

pensando a possibilidade de ir mais além do Nome-do-Pai e de como entender a invenção, ele toma a Joyce e pensa sobre o que fez Joyce com algumas características de seu pai, que não era um homem muito para vangloriar-se dele. Mas Lacan diz que Joyce toma as carências do pai e com essas carências ele pode construir outra coisa. Temos que ter isto muito em conta.

Farei mais algumas pontuações antes de comentar o caso clínico. No *Seminário 22, R S I*, para ver como aqui podemos fazer uma pergunta importante sobre o texto apresentado nessas Jornadas por uma colega sobre os Irmãos Karamázov, de porque não está a mãe nesta relação entre homens. Neste Seminário, na classe 04 de 21 de janeiro de 1975, Lacan dizia que um pai não tem direito ao amor, senão perversamente orientado, quando faz de uma mulher objeto *a* que causa seu desejo. A versão que lhe é própria a sua função de pai é a função de sintoma. É suficiente que seja um modelo da función, que não pode ser mais que exceção. Só pode ser modelo da función ao realizar seu tipo de alguma forma; pouco importa que tenha sintomas, pouco importa que o pai tenha sintomas, se somado a eles tenha a perversão paterna. Quer dizer, que sua causa seja uma mulher que tenha conseguido para fazer-lhe filhos e que a estes, o queira ou não, lhes brinde um cuidado paternal. Então, essa função paterna, a alcança, não necessariamente dispensando o que se costuma denominar cuidados paternos, pois o ¿que é isso del cuidado paternal? ¿É alimento? Para a psicanálise esse alimento é o justo *mi-dit*, o justo meio-dizer, dito no instante que tenha que ser dito, ou seja, que sea un justo no dizer, com a condição que não seja demasiado transparente esse meio-dizer, que não se veja imediatamente de que se trata no que ele disse. Nos aclara que si bien es raro que alguém o consiga, mas há alguns que o conseguem.

O pai, então, não é *causa sui*, como um mito religioso pretendeu propor, senão que é aquele pai que chegou bastante longe na realização de seu desejo para reintegrá-lo à sua causa, qualquer que esta seja.

O que Lacan sustentava no *Seminário 11*, que o disse primeiro no *Seminário 10*, é o seguinte: ao fundamentar a origem da Função Pai em seu seu assassinato, Freud protege o pai. Vejam que parece o contrário, então, do que pareceria ser. Se havia um momento de declínio do pai, como diz Lacan, a posição de Freud surge para fazer frente à queda da função paterna com o mito do assassinato do pai. O que Freud faz, diz Lacan, é proteger o pai, a função paterna¹⁷.

Para concluir essas muito pequenas idéias, temos outras pontuações. Chegamos agora ao problema do pai do nome. A partir daqui se abre para outras dimensões do pai.

O pai da inconcistência. O pai da inconcistência é a quele que permite que o sujeito faça seus sintomas com o significado do que falta ao pai desde o lugar do Outro. Vocês sabem que quando se pensa no grafo do desejo, o sintoma se lê “s(A)”, o significado do Grande Outro é o sintoma. Então o sujeito fará seu sintoma com o significado do que lhe falta ao Outro. Isso é importante para pensar a clínica, ou seja, pensar o que significa o sintoma.

Outra coisa seria o pai da consistência. O pai da consistência é aquele que permite que exista uma forma mais além do que já existia, é com o que fazemos que exista o Real por pedaços. É um aporte necessário para Lacan pensar o pai da nomeação. O pai da nomeação é o que diz “tudo mas não isso”¹⁸, como Sócrates. “*Tout, me pas çá*” é então um herético da boa maneira, diz Lacan, como Joyce, porque pode fazer outra coisa e não pode renunciar a tudo. Não pode renunciar a tudo como Moisés, sobre o que nos chamava a atenção Harai. Recordo que G. Steiner escreveu sobre essa

¹⁷ LACAN, J. *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 60.

¹⁸ LACAN, J. *Seminário 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007, p. 15.

questão. Ele apresenta suas idéias a respeito da falta de Deus e não somente de Moises. Por que Deus se apressou em trocar o menino pela ovelha, senão porque também duvidava da fidelidade de Moises (George Steiner: Un tema de conversación, en Pruebas y Tres parábolas. Ed. Destino. 1993. Barcelona.)?

E agora, muito brevemente, ¿como poderíamos pensar a diferença entre o Pai Imaginário, o Pai Simbólico, o Pai Real?

Sinteticamente, poderíamos dizer que o Pai Simbólico é o pai do sentido, de la castración y la interdicción, del deseo y de la ley, tal como aparece em Freud em A interpretação dos Sonhos; o Pai Real é o pai do gozo, que possibilita a multiplicação dos gozos e o Pai Imaginário é o da proibição, do Édipo, e penso que é necessário diferenciar proibição de interdição. A proibição é imaginária e a interdição é simbólica, porque, ¿cómo o pai vai proibir o incesto se o incesto é um impossível? O que liga o sujeito a sua mãe é ser o objeto de desejo da mãe, e o objeto de desejo da mãe é o falo. A relação entre o filho e a mãe é impossível porque se ele fosse o falo dela não haveria sujeito. Então, o pai imaginário proibindo, faz crer que isso é possível.

¿Cómo matar o pai? As leis da proibição do incesto e do parricídio, ¿cómo matar o pai, se o pai é o pai morto?

En el *Seminário 18*, Lacan dizia que não há Nome-do-Pai que se sustente sem o trovão, porque não se sabe de que signo é o trovão¹⁹. Então, se o Nome-do-Pai se sustenta do trovão é porque há uma dimensão do som que, não digamos que está antes do sentido, mas pelo menos, que está mais além da dimensão do sentido. É o que Harari ensina como a diferença entre a pulsão invocante e a pulsão fonante.

Essa idéia que vem desde Nitzsche, que Deus está morto, se pensamos que esse Deus é também o pai, ¿quais são as consequências dessa idéia? Lacan disse: há alguns que pensam que se Deus está morto, tudo está permitido; se o pai está morto tudo é permitido. Seria o caminho da perversão. Há outros que dizem que se o pai está morto, se Deus está morto, nada está permitido. É o caminho da inibição. Mas há outros que dizem que se o pai está morto, se crê que tudo é possível. Esse é o caminho dos sintomas. Se alguém crê que tudo é possível, choca contra o mundo.

Bem, para terminar com uma certa apologização do que disse, quero mencionar algo que está e não está implicado no que desenvolvi até agora, que diz Lacan em Televisão, esse texto aparecido no ano '73. Alí ele diz: “Ora, considero que está excluído que se analisasse o Pai Real; bem melhor o manto de Noé quando o Pai é Imaginário”²⁰... Eu creio que o que ele diz na conferência nos Estados Unidos seria uma resposta a esse problema – analisar e interpretar o pai Real é pensar a dimensão do Real mítico do pai.

¿Sabem a história do manto de Noé? Noé vinha do trabalho e ia descansar nu em sua choça e aos filhos estava proibido ver a nudez do pai. Um dos filhos veio, o viu nu e foi falar aos seus irmãos para que viessem tapar o pai. Os irmãos contaram isso ao pai e ele expulsou o filho da família. Diríamos que isso é o próprio do fantasma. Por que Lacan diz que a realidade é fantasmática? Por pensar no valor de um fazer. Ainda que se diga “eu não quero”, repetidas vêzes, isso será “sim, eu quero”.

O caso clínico que vou contar-lhes é de um sujeito que retornou a sua análise, em um segundo tempo, dez anos depois. No primeiro tempo de sua análise, seu problema era sua vida dupla: sua vida com sua mulher e sua vida com sua amante, o que o obrigava a mentir o tempo todo, a imaginar histórias para justificar suas chegadas tarde em casa. Até que um dia aconteceu o inevitável, em relação com as perguntas que acabaram levando-o à análise. Ele deixou na carteira o ticket do hotel e sua mulher o

¹⁹ LACAN, J. *Seminário 18: De um discurso que não seria de aparência*. Inédito. Classe de 13/01/71.

²⁰ LACAN, J. Televisão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993, p. 40

encontrou e foi um grande escândalo na família. Ele teve que escolher e ele escolheu sua mulher e pode colocar a mulher no lugar de amante e pela primeira vez em sua vida ele pode fazer de sua mulher sua amante. Mas isso durou um tempo. Por que? Ele voltou para a análise dez anos depois quando outra vez tinha amante e mulher, mas agora com uma diferença: se sempre havia tido vida sexual com a mulher e com a amante, ainda que muito diferente, porque com a amante tudo estava permitido e com a mulher nada estava permitido, o problema é que agora já não podia ter relações sexuais com a mulher, mas sim com a amante. Mas ele não suportava essa posição, porque pensava que ele estava sendo mentiroso e estava prejudicando sua mulher, e também prejudicando sua imagem diante dos filhos.

Uma das coisas que temos que sublinhar que uma das características sobre o pai imaginário é o pai a que se traiciona. Ao pai que se traiciona, a diferença disso que Lacan chamava o pai Real, o pai desejado e desejador, trepador e castrado por sua mulher; Lacan dizia que uma mulher é tanto mais castradora quanto menos se dedica a castrar seu homem. Então, a fidelidade e a constância são características desse pai da castração simbólica. Lacan dizia, não creim que a fidelidade é algo fácil de conseguir, por que o escravo não pode ser fiel. A fidelidade não é uma coisa de escravos. Então, esse sujeito volta para a análise, já preocupado por que pensava que sua mulher era linda, inteligente, mas ele não podia ter relações sexuais com ela porque era velha. Ele pode ir mais longe, nessa segunda volta, a respeito dos ideais do pai, já que o pai tinha um alto ideal para ele. Ele era um executivo muito importante de uma companhia internacional e todo seu mundo de viagens, amantes, tinha que ver com o lugar de gerente. Quando ele se aposentou dessa posição, por meio da análise, ele pode ir mais além desse lugar gerencial do pai, o pai foi um fracassado como gerente, mas no limite de um fracasso e tinha como ideal que seu filho seria um grande executivo. Ele pode começar a ter sua própria empresa o que é uma situação absolutamente distinta, pois pode sustentar sua obra com seu nome e não em nome da companhia internacional. Então, a única coisa que lhe restava, neste momento em que rompe com a amante, era a masturbação.

Segunda cuestión: acontece una nueva situación. Se muda seu sogro e na mudança começam a aparecer coisas estranhas, esquecidas: aparece um livro muito importante, que ele não sabia onde estava, um livro do século passado e dentro do livro ele achou um desenho que um irmão do pai, um tio, havia feito. Era o pai com um látigo, uma gaiola e um bebê como passarinho. Isso desatou a loucura dele: mas veja, eu lhe disse, é por meu pai, meu pai com o látigo, esse passarinho deve ser eu, essa é a minha posição.

Recordando isso que não podemos interpretar o lugar do pai enquanto o pai é o pai imaginário, ¿cómo fazer para chegar a essa posição de pai Real?

Terceira questão, o que Harari chama de “as incidências do analista”: eu tratei de levá-lo a que se por um lado o pai tinha ideais para ele, a questão era o que fez ele com esses ideais. Así, luego de interrogar sus certezas respecto a las intenciones de su padre: si él era o tenía el pajarito domesticado por su padre o por lo contrario si su padre representaba una exigencia a levantar vuelo, pudo reafirmarse en su profesión, pero aún a costa de su impotencia. Querer ser fiel al padre al precio de su sometimiento era la consecuencia de su posición crítica al padre pero sostenida con la armadura de su amor, del amor de su posición histérica inconsciente. Si la crítica es muy apasionada, no puede tomar la suficiente distancia para leer de otra manera, cronificando su ser M’ Adamico, desde su amor reprimido al padre.

Queria dizer-lhes, então, que crer nos sintomas é sustentar-se num pai carente sin poder salir de ese límite.

Muito obrigado.

Debate: (Poner los nombres completos de los que preguntan: creo es una cuestión ética)

C.F.: Edgardo eu queria um esclarecimento sobre a posição do pai que tu chamaste do Antigo Combatente, para a criança, como uma terceira posição.

E.F.: O Primeiro é o pai idealizado, como os Reis Magos; depois o pai edípico que é um pai carente. Uma coisa é ficar nesse nível, alimentando os sintomas e outra coisa é fazer dessas carências paternas, como Joyce, o que pode dar pé à obra do sujeito. Então, uma coisa é o pai idealizado, outra coisa é o pai em falta, outra coisa é pensar o pai como um Antigo Combatente, que merece respeito, que merece seu lugar sem idealização. Isso é o que sustenta, eu creio, um amor eterno ao pai, um amor no idealizado positiva o negativamente ao pai, mas não sem uma posição de distância. Se não é um pai como um Antigo Combatente, se deixa todo lugar ao pai. Em geral em nossa cultura vemos uma certa degradação, a diferença do que se passava antigamente nas tribos, em que os conselhos era dos mais velhos. Em nossa cultura, o pai deixa de trabalhar, passa a ser um aposentado, um dependente, e é difícil situar aí um Antigo Combatente. Eso nos lleva también a uma posição da psicanálise em extensão para pensar. É todo um compromisso dos psicanalistas de fazer existir a psicanálise em extensão, quer dizer, que algo dessas concepções possam valer no mundo atual.

R.H.: Edgardo, primeiro de tudo quero agradecer pelas considerações pessoais. Havia esquecido todos os anos de relação que temos, e aí pude me dar conta. Me alegro que possamos contar. Bem, seguindo nosso diálogo sempre tão frutífero, queria falar da questão com referência ao Amor eterno ao pai. Creio que fez um certo clic, por que pensei que a eternidade não tem nada que ver com a morte. É o contrário da morte. O amor eterno quer dizer que o pai não morre. É a eternidade, é imortal.. Não é uma referência a não sair, senão não entrar com a dimensão do pai morto. Nesse sentido o Real mítico, acho que mais uma vez é o mito do Totem e tabú – é um Real e é um mito. Como Real é impossível que não seja. Está a Tiché e está o mito da origem, pois todo mito tem que ver com as origens, além disso. Bem, queria voltar a questão do que parece enigmático quando Lacan disse não Moisés a psicanálise, que parece que são questões para ele pensar. Finalmente o que aconteceu com Moises, um pouco voltando ao que falávamos com Maurício sobre o que aconteceu com Abraão. Moisés não pode entrar na terra prometida, foi punido, finalmente, por Deus. Acho importante isso porque Lacan, aqui faz um ato falho, nesse ponto quando diz: Moises olha para a terra prometida no monte Sinai. Sabemos que no monte Sinai ele recebe a lei. E que o nome daquele monte é Nebo. Depois, Lacan percebe o ato falho, que é exatamente homofônico com “*un ne bo*”, isso é, o nó borromeo, condensado assim: *ne bo*, em francês. Isso parece mais uma vez a questão sacrificial. Ele pode receber a lei mas não pode entrar na terra prometida. Não sei, ia perguntar se pensas que isso tem que ver com a questão dos nós borromeus. A maneira que Lacan entrou pouco nisso, mas a própria morte dele, sua morte física, não permitiu avançar muito mais do que isso. Moisés parece que é não ir além desse pai, que esse amor eterno por esse pai que não morre, não deixa. Mais uma vez como estávamos falando com Maurício, a dimensão crucial que tem o sacrifício. As dimensões do pai acho que não podem ser esclarecidas se não se colocam os preços que implica o sacrifício; o próprio sacrifício, o sacrifício do filho, como Isac, ou no caso de Moisés que é sua própria vida, essa foi a punição para ele.

Aparentemente cumpre a missão mas há uma contradição, ter esse lugar de condutor, parece que vai ter sucesso e finalmente morre presenciando a terra prometida, ficando só como puro olho. Bem, é mais um comentário e não uma pergunta.

E.F.: Agradeço a reflexão, são coisas que tenho que pensar, não sei se vou dar conta agora. Mas algo soou quando dizíamos isso, “não moisizar a psicanálise”, sobretudo sobre o amor eterno; mas na realidade, dizê-lo assim é romper a idéia de que o pai é o pai morto, quer dizer, dizendo não ao amor eterno ao pai, dito assim, a mim me chocou, porque fidelidade e constância são as características do pai Real, então ¿qual seria o problema do amor eterno? Eu tenho a sensação de que tenho um amor eterno, o amor que sinto por meu pai, me parece que esse lugar é eterno, mas não eterno nesse sentido de que não seria o pai morto, porque aí teríamos mais bem essa idéia regressiva que é esse pai da infância. Mais bem, o pai Real, castrado e castrador, é aquele que encontra seu desejo mas também suas faltas. Portanto é aquele que permite passar por ele, ou o que seja em francês a tradução correta de prescindir. Prescindir parece que quer dizer “eu o deixo”, e para mim é “eu vou com ele e faço outra coisa”. Então, isso de pensar que está mal o amor eterno, nesse sentido, o amor eterno é esse amor imaginário, o amor por um pai não castrado.

R.H.– É sobretudo um sacrifício

E. F.– E justamente por não estar castrado que busca esse sacrifício. Mas, se o pai é pai morto em sério, não temos mais como existir que por meio de seus buracos. Como dizia Borges – confirmando que sempre falamos de Borges nas conferências – que queria ser lembrado não tanto pelo que escreveu, senão pelo que leu. Não se vê aí, então, que o amor eterno ao pai, é pelos buracos do pai? Creio que isso que me saiu agora, parece uma boa idéia para pensar o Antigo Combatente em relação com a extensão.

J.A.F.: Edgardo, tu falaste dessa frase “Se Deus está morto, tudo é permitido”, que é uma perversão. A principal frase dos Irmãos Karamázov, “Se Deus não existe, tudo é permitido”, é o que Lacan trabalha e inclusive ele comete um equívoco que ele atribui essa frase ao Fiodor, ao pai, e ela foi dita por Ivan e essa frase que desencadeou todo o crime que então o perverso, “Se Deus não existe tudo é permitido, então posso matar”. Que relação tu poderias fazer, uma vez que Lacan falou, “Se Deus está morto, tudo é permitido” e a frase de Dostoievski é “Se Deus não existe...”, se perderia esse sentido da perversão, se poderíamos considerar ainda como uma perversão “Se Deus não existe, se o pai não existe...”, ou haveria uma diferença?

E.F. – Tu sabes que em Freud, se o recordas, havia escrito que encontramos umas páginas nos Irmãos Karamázov que eram umas das páginas mais bellas da literatura universal. Isso que escreve Freud sobre as páginas mais bellas dos Irmãos Karamázov, tinham que ver com essa idéia que é a história do retorno de Jesus. Jesus retorna, faz um milagra, e é descoberto pelo sumo sacerdote que obriga que o prendam. Agora falando dos Irmãos Karamázov, em que Karamázov vai ver o grande inquisidor, que lhe diz: que vieste fazer aqui, se já está tudo dito, se já disseste tudo, tudo que possas dizer que não o tenhas dito, vai tirar poder ao Papa, portanto não tens mais nada que dizer. Por isso vou te queimar na fogueira para que não voltes nunca mais. Jesus se dirige ao sumo sacerdote e beija-lhe os lábios. O sumo sacerdote lhe diz: está bem, vai-te, mas não voltes nunca mais. E Jesus parte outra vez. Penso que isso mereceria ser repensado, pois não creio que Freud tenha dito que essas eram algumas das páginas mais bellas da literatura universal por uma questão de estética, sem que os analistas encontrem o que dizer. O que eu tratava de dizer é que há uma diferença entre permissão e possibilidade. Uma coisa é crer que se Deus está morto – ou que não existe, o que dá no mesmo,

porque Deus existia, assim que se não existe é porque está morto –, é crer que tudo é possível, isso é que o perverso tenta transmitir, claro que primeiro eu te (¿demosntro?), e o que queira depois do outro ou o que o outro vai querer é o quanto vai ser possível, e outra coisa é o que faz o neurótico: não que pense que tudo é possível, porque isso seria pensar que não tem angústia de castração, não que tudo está permitido e sim que tudo é possível, perdeu os limites, e nesse sentido temos que pensar também a função paterna. A função paterna, por meio do que Freud chamava o sinal de angústia de castração, isso que põe um limite ao que encontramos em nossos neuróticos que se empenham, que estão numa posição de desafio ao pai – tudo é possível numa posição de desafio ao pai – , e que chocam com o mundo, que se golpeiam com o mundo, com seus sintomas. O sintoma, mais além das idealizações, mais além das necessidades, Lacan no disse que temos que arrebentar os sintomas, que liquidar os sintomas, senão é dar-lhe esse lugar de verdadeiramente Real. Então, que não todo o Real seja Simbólico, que não todo Real seja sintoma quer dizer, me parece, que há uma função paterna que possa colocar um limite na confusão entre o Real e o Simbólico.